

FERIADO PARA CONHECER A NOSSA HISTÓRIA

RENATO ALVES

Moradores de todas as partes do DF aproveitaram o feriado para conhecer um pouco mais sobre a história da cidade em que nasceram ou escolheram para viver. Deixaram os prédios de concreto das residências para explorar fotografias, documentos e mobílias expostos nos poucos edifícios de madeira originais da época da construção da nova capital. Encheram o Catetinho e o Museu Vivo da Memória Candanga. Grávidas, as atrações receberam ontem mais que o dobro de visitantes dos dias normais.

Vivendo em Brasília há cinco anos, o militar da Aeronáutica Jony Enderson, 39, decidiu conhecer o Catetinho com toda a família, originária do Rio de Janeiro. Todos ficaram impressionados com a boa conservação e o acervo da primeira residência oficial do presidente Juscelino Kubitschek em Brasília, erguida em 10 dias às margens de onde hoje passa a BR-040. "A simplicidade do prédio é o que mais chama a atenção", ressaltou a advogada Deilce Víctor Barbosa Matos, 45, mulher de Jony.

Os filhos do casal, Guilherme, 7, e Letícia, 10, mostravam interesse pela história da construção da cidade. "Quis vir aqui porque estudei isso na escola", contou Letícia. Guilherme queria entender como funcionavam os aparelhos antigos dos quartos e cozinha do Palácio de Tábuas, como também é conhecido o Catetinho. A mãe e as crianças fizeram questão de posar para fotos nos cômodos da construção de dois pavimentos, inaugurada em 1956.

De madeira e com pilotis, a edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1959, antes da inauguração da capital. Apesar da importância histórica, o prédio costuma receber bem menos visitantes que os monumentos de concreto da Esplanada. Ontem, pouco mais de 300 pessoas estiveram lá, bem mais do que os 150 habituais dos fins de semana.

Hospital-museu

Dos tempos de Cidade Livre, o único conjunto arquitetônico

Fotos: Iano Andrade/CB/D.A. Press



PALÁCIO DAS TÁBUAS

PRIMEIRA RESIDÊNCIA DO EX-PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK, A CONSTRUÇÃO DE MADEIRA EM PILOTIS RECEBEU 300 VISITANTES ONTEM



DEVER DE CASA

ANA EXIGIU DOS PAIS EDSON E REGINETHE CONHECER A HISTÓRIA DA CIDADE

intacto é o do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o HJKO. Primeiro centro de saúde da nova capital, foi construído em 60 dias e inaugurado em 6 de julho de 1957. Seus 1.265 metros quadrados de área edificada em ma-

deira abrigavam ambulatório, centro cirúrgico, administração, casa para médicos e funcionários casados e, ainda, alojamentos para solteiros.

Os serviços hospitalares acabaram suspensos em 1968 e o

Catetinho, na BR-040, e Museu Vivo da Memória Candanga, no Núcleo Bandeirante, receberam duas vezes mais público ontem

VISITAS

CATETINHO

Fica no Km 0 da BR-040, na região do Gama

MUSEU VIVO DA MEMÓRIA CANDANGA

Na entrada do Núcleo Bandeirante

Ambos gratuitos e abertos de terça a domingo, das 9h às 17h.

HJKO passou a ser posto de saúde, desativado em 1974. O conjunto arquitetônico foi tombado pelo governo local em 1985. Dois anos depois, começou a ser restaurado e, em 1990, passou a abrigar o Museu

Vivo da Memória Candanga, aberto à visitação pública e gratuita, na entrada do Núcleo Bandeirante.

O acervo, com fotografias e instrumentos originais da construção, atraí, em média, apenas 12 pessoas por dia, fora aqueles que fazem o tour previamente agendado, como grupos de estudantes de escolas públicas e privadas. Ontem, mais de 60 pessoas passaram pelos galpões de madeira pintados com cores fortes. Entre elas, a goianiense Ana Lufsa, 8 anos, que passou a manhã pedindo aos pais para visitar o antigo HJKO. "A professora falou pra gente aproveitar o feriado e conhecer a história da cidade", contou a menina, que aos dois meses deixou Goiânia para viver na capital com o pai, o brasiliense Edson Alves de Oliveira Júnior, 33, e a mãe, a goiana Reginethe Cardoso Soares de Oliveira, 34.

EVANGÉLICOS

10 MIL NO SHOW GOSPEL

Estimativas da Polícia Militar indicam que cerca de 10 mil pessoas acompanharam os shows de artistas e bandas evangélicas na estrutura montada ao lado do Teatro Nacional. As bandas Passageiros de Cristo, Ministério Getsemani e Trazendo a Arca animaram o público. "Viemos para assistir ao Regis Danese, mas chegamos às 15h para acompanhar todos os shows", disse o auxiliar de depósito Luis Carlos Sousa Lima, de 23 anos. O pessoal da Igreja Batista Celular Internacional, do Gama, aproveitou para oferecer orações aos espectadores. "Anotamos o nome e o endereço de quem encontramos e vamos na casa de todos, para visitá-los e orar por eles", explica Simone Gomes de Oliveira, fiel da igreja.

CATÓLICOS

FIÉIS EM ÊXTASE

Os católicos comemoraram os 49 anos de Brasília também com show. As apresentações começaram por volta das 13h. A banda Maranatha, uma das mais tradicionais do Distrito Federal, foi a primeira a subir no palco. Embalou os fiéis com músicas que falam sobre a importância de Deus na vida dos homens. Logo depois, foi a vez de Tati Reis. Ela encerrou o show cantando com o filho. O encerramento ficou por conta de Jonny e Banda. A dona de casa Célia Bernardino de Siqueira Pereira, 39 anos, estava em estado de graça. Chegou para a missa e não saiu mais da frente do palco. "O sol está quente, mas a fé em Deus nos sustenta. A celebração está maravilhosa", comemorou.

CATÓLICOS II

250 VÃO A MISSA

O som dos sinos da Catedral abriu caminho para a missa dos 49 anos de Brasília, celebrada sob sol forte e para público estimado em 250 fiéis. No palco montado entre a Catedral e o Museu Nacional, uma homenagem a Athos Bulcão. Atrás do palco, a reprodução dos azulejos do artista. A missa foi celebrada pelo Arcebispo D. João Braz de Aviz. Para se proteger do sol, os fiéis usaram sombrinhas e jornais. No fim, D. João descerrou a placa com informações sobre a cruz de concreto que fica entre o museu e a Biblioteca Nacional. Ela foi erguida em 1970, durante o 1º Congresso Eucarístico do DF.